

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*



Fundação Universidade de Brasília

Reitor : Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora : Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora : Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial : Ana Maria Fernandes – *Pres.*
: Ana Valéria Machado Mendonça
: Eduardo Tadeu Vieira
: Emir José Suaiden
: Fernando Jorge Rodrigues Neves
: Francisco Claudio Sampaio de Menezes
: Marcus Mota
: Peter Bakuzis
: Sylvia Ficher
: Wilson Trajano Filho
: Wivian Weller

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Biblioteconomia

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*

Organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges
Marcilio de Brito



Projeto “Memória dos 50 anos da Biblioteconomia na UnB”
Livro: Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB – 1962-1967

Equipe editorial

Gerente de produção editorial	Marcus Polo Rocha Duarte
Coordenação	Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges
Membro	Prof. Dr. Marcilio de Brito
Revisão	Rosa dos Anjos Oliveira
	Virginia Astrid de Albuquerque Sá e Santos
Degração	Vera Lúcia Campes da Silva
Produção gráfica	Andherson Reis
Colaboradores	A. C. Moraes de Castro
	Maurício Rondelli
	Cristina Guimarães
	Andhrea Tavares
	Alexandre de Lima Oliveira
	Miguel Ângelo Bueno Portela
Projeto Gráfico	Marcos Hartwich
Diagramação e Arte-final	José Miguel dos Santos

Copyright © 2015 by
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Fax (61) 3035-4230
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB : 1962-1967 / organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges, Marcilio de Brito. – Brasília : UnB/FCI, 2013.

406 p. : il.

ISBN: 978-85-230-1154-3

1. Biblioteconomia. 2. Universidade de Brasília. I. Borges, Maria Alice
Guimarães. II. Brito, Marcilio de.

CDU 02(817.4)

“Não vivemos num mundo irracional ou destituído de significado. Ao contrário, existe uma lógica moral inerente à vida humana. Devemos encontrar uma forma de discutir o futuro da humanidade de maneira inteligível. A lei moral universal inscrita no coração de homens e mulheres é precisamente a ‘gramática’ necessária para que o mundo possa se engajar na discussão do seu futuro. A política dos países não pode ignorar a dimensão transcendental, espiritual da experiência humana”.

* JOÃO PAULO II, Papa.
Mensagem de sabedoria e paz. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

(JOÃO PAULO II, 2005, p. 54)*

*Participantes da disciplina Seminário em
Biblioteconomia: Encontro de Saberes
2011/2 – 2012/1*

Professores

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges (2011/2012)
Prof. Dr. Marcilio de Brito (2012/1)
Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista (2011/2)

Monitores

Déborah Lins e Nóbrega
Luiz Henrique Ferreira

Alunos

Allan Wanick Motta
Amanda Salomão Werneck
Bruna Guedes Martins da Silva
Claúdio César de Oliveira Campos
Érika Rayanne Silva de Carvalho
Felipe Pessoa Santos
Fernanda Miranda de Souza
Fernanda Weschenfelder
Flávia Nunes Sarmanho
Janaina Soares Lopes Barbosa
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva
Larissa Ferreira dos Angelos
Larissa Herculano
Luana Gomes Dias
Luana Patrícia de Oliveira Porto
Luiza Martins de Santana
Luiza Moreira Camargo
Mariana Bessa Mcdonnell
Mariana Vasconcelos de Castro
Mariana Brandão da Silva
Nádia Galdino Freitas dos Santos
Rebeca Araujo Mendes
Thais da Silva Rodrigues
Thiago Willian Barbosa de Oliveira
Vivianne da Rocha Rodrigues

Secretários

Jaqueline Couto
Reginaldo Olegario das Neves Alves

Sumário

<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	15
<i>Introdução</i>	19
Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia	19
por Maria Alice Guimarães Borges	
Parte I – Primeiros Professores	
1 – Abner Lellis Corrêa Vicentini	53
por Murilo Bastos da Cunha	
2 – Antônio Agenor Briquet de Lemos	79
Depoimento	
3 – Astério Tavares Campos	105
por Tarcisio Zandonade	
4 – Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti	125
por Adelaide Ramos e Côrte	
5 – Edson Nery da Fonseca	145
por Luiz Antônio Gonçalves da Silva	
6 – Etelvina Lima	179
por Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	
7 – Myriam Mello Dulac	193
Depoimento	
8 – Nice Menezes de Figueiredo	197
por Sueli Angelica do Amaral	
9 – Rubens Borba de Moraes	229
por Suelena Pinto Bandeira	
10 – Washington José de Almeida Moura	251
por Rosa dos Anjos Oliveira	

Parte II – Depoimentos Dos Primeiros Alunos

1 – Gilda Maria Whitaker Verri	261
2 – Maria Lúcia Dália da Costa Lima	269
3 – Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo	273
4 – Anibal Rodrigues Coelho	279
5 – Edna Gondim de Freitas	287
6 – Hérís Medeiros Joffily	291
7 – Lindáurea Daud	295
8 – Maria Alice Guimarães Borges	299
9 – Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras	307
10 – Nelma Cavalcanti Bonifácio	311
11 – Neusa Dourado Freire	315
12 – Suelena Costa Braga Coelho	323
13 – Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	327

Primeiros Funcionários

1 – Rosa Maria Monteiro Pessina	335
Depoimento	

Anexo

A – Ex-alunos formados em Biblioteconomia	343
--	-----



Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da
Universidade de Brasília (UnB) (21/04/1962).
A partir da esquerda: 2º Hermes Lima (sentado)
3º Darcy Ribeiro (em pé, discursando).



Formatura da 1ª Turma de Biblioteconomia na Câmara dos Deputados (1967). A partir da esquerda: Nelma, Maria Alice, Virginia, Suelena Coelho (de óculos), Aníbal, Edna, Neusa. Ao fundo: Lindaurea, Maria Stella, Angela.

*I*ntrodução

Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia

por Maria Alice Guimarães Borges

As profundas mudanças ocorridas no século XX tiveram início na década de 1940, com o aparecimento da Cibernética, da Teoria dos Jogos e da Teoria Matemática da Informação.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, Vannevar Bush escreveu o relatório *Science, the endless frontier*, que se constituiu a base para a definição das políticas científicas dos Estados Unidos, influenciando também outros países, e o artigo *As we may think*, em que abordou a “explosão informacional” nas áreas da ciência e da técnica. Para resolver esse desafio, ele indica as tecnologias da informação.

Nesse contexto, emerge a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), a partir de um grupo de cientistas liderados pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy, juntamente com o economista Kenneth Boulding, o filósofo Ralph Gerard e o matemático Anatol Rapoport.

Nessa mesma década, surgem, no Brasil, especialistas e educadores dispostos a discutir e repensar uma nova universidade e a implantá-la.

Nada mais oportuno, dentro de um projeto político-estratégico para o Brasil, do que a interiorização da capital, com a criação de Brasília, trazendo no seu projeto a criação de uma “universidade nova, na nova capital, para um novo Brasil” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

Em 1960, um grupo de educadores, liderado por Darcy Ribeiro e apoiado por Anísio Teixeira, elaborou um texto onde expôs o projeto de criação da Universidade de Brasília (UnB) e suas especificidades singulares.

Vários educadores foram chamados aos debates da proposta realizada, em 1959, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), publicado em novembro de 1960, pelo suplemento semanal “O Metropolitano” do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, e na *Revista Anhembi* de São Paulo, em seus números 126, 127 e 128, referentes aos meses de maio, junho e julho de 1961.

A Editora da UnB lançou, em 2012, uma edição especial comemorativa dos 50 anos da UnB: *Universidade de Brasília: projeto de organização* (RIBEIRO, 2012). É uma reedição da proposta organizada por Darcy Ribeiro, com a íntegra da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB), bem como pronunciamentos de vários educadores e cientistas que se manifestaram sobre a proposta inicial de criação da Universidade de Brasília. A partir desse documento, são apresentados trechos dessas opiniões (RIBEIRO, 2012):

Almeida Júnior – Faculdade de Direito da USP:

O mérito principal [...] está na seriedade e meticulosidade com que o eminente educador examinou o seu tema e, acima de tudo, na sua atitude francamente renovadora. Com a grande inteligência, a grande cultura e o infatigável desejo de “servir”, que o caracteriza (RIBEIRO, 2012, p. 75).

Jayme Abreu – Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais:

[...] que pense e repense ela acuradamente sua missão e tarefa e que, viva e dinâmica, se organize e se ponha à altura do desempenho das sérias responsabilidades que lhe cabem [...] na redireção da vida social, no sentido da formação democrática e moderna da cultura brasileira (RIBEIRO, 2012, p. 79).

Florestan Fernandes – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP:

[...] representa o passo mais avançado que já demos no sentido de submeter nossas instituições universitárias a um planejamento racional, modernizado e integrativo. [...] Temos escamoteado demais a ligação íntima do desenvolvimento

econômico-social com o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia. [...] Universidade de Brasília está projetada sobre essa complexa realidade, que é o estado presente e a condição futura da civilização ocidental em nossa terra (RIBEIRO, 2012, p. 88).

Milton da Silva Rodrigues – Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo:

[...] faz crítica à concepção da natureza da estrutura acadêmica proposta, levantando as dificuldades relativas à heterogeneidade das congregações dos departamentos em uma mesma faculdade, entre outras (RIBEIRO, 2012, p. 94).

Anísio Teixeira – Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos:

Se a essa estrutura imaginada para a cooperação e a interpenetração juntamos as demais instituições planejadas para a vida em comum dos estudantes e dos professores, não será difícil perceber que a Universidade de Brasília deverá transformar-se no primeiro marco da integração universitária no Brasil. Ao invés da atual organização ganglionar senão pulverizada, a nova Universidade será verdadeiramente a unidade na diversidade. Pelo menos uma vez vamos ser fiéis à semântica (RIBEIRO, 2012, p. 104).

Jairo Ramos:

Outra condição útil, que se observa no plano da Universidade de Brasília, é a sua constituição na forma de Fundação que outorga à instituição a indispensável independência administrativa tão desejada para as atuais universidades, até hoje ainda não obtida (RIBEIRO, 2012, p. 106).

Fernando Henrique Cardoso – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP:

O êxito de qualquer universidade repousa no material humano que empresta sentido aos ideais universitários. [...] Assim, a Universidade de Brasília será, em larga medida, aquilo que seus organizadores e primeiros professores fizeram dela. [...] O único penhor desse empreendimento diante da nação, que vai custeá-lo, está na escolha de homens capazes para realizá-la: que tenham a medida das próprias possibilidades e das potencialidades do meio e que disponham da férrea energia necessária para não ceder às pressões e às avaliações estereotipadas, de forma a orientar sempre sua lealdade mais no sentido dos valores impostos pela ciência, pela cultura e pela nação, do que pelos ideais e os interesses, alheios aos objetivos do saber universal, de pequenos ou grandes grupos, aos quais eventualmente, pertençam” (RIBEIRO, 2012, p. 117).

Pronunciamentos de outros educadores foram publicados pelo suplemento semanal *O Metropolitano* (1960) do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro:

- Leopoldo Nachbin – Instituto de Matemática Pura e Aplicada.
- José Leite Lopes – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

- Celso Furtado – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.
- Paulo Sawaya – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.
- Maria Yedda Leite Linhares – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Oracy Nogueira – Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Osvaldo Gusmão – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Walter Oswaldo Cruz – Instituto de Manguinhos.
- Jacques Danon – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

A grandeza dessa proposta está na capacidade de os seus idealizadores fazerem uma construção participativa e coletiva.

A Proposta Inicial

A proposta inicial traz fundamentos relativos aos aspectos acadêmicos e administrativos a serem considerados para análise e entendimento do seu significado e dos valores que são defendidos e perseguidos na sua construção.

Ao iniciar, o documento aborda a *tradição universitária* no Brasil, de construção tardia, a partir de 1920, segundo a qual:

Alunos e professores de cursos equivalentes, duplicados na mesma universidade, se ignoram completamente”; [...] a instituição da cátedra, tal como a concebemos, ou seja, o loteamento do saber em províncias vitalícias, outorgáveis através de certos procedimentos de seleção, que assegura a um professor-donatário a propriedade do ensino de uma disciplina, em certa série de dado curso, a determinada faculdade”. [...] currículos obrigatórios fixam as matérias que devem ser ministradas em cada série, ano após ano, do primeiro ao último, de cada curso. [...] as ciências e a tecnologia não podem ser contidas na estreiteza dessa compartimentação. Por outro lado, com a industrialização, as atividades produtivas se tornaram mais complexas e estão a exigir um número crescente de modalidades novas de especialização. [...] Essa rigidez tem, também, a consequência de condenar o jovem egresso do curso colegial a uma escolha definitiva e prematura da carreira (RIBEIRO, 2012, p. 12-14).

Quanto à *reforma universitária*, levanta “os óbices de uma legislação rígida e de uma burocracia educacional estreita”. Quanto a romper com a estrutura obsoleta existente, afirma: “nas condições presentes, só uma universidade nova, inteiramente planejada, poderá estruturar-se em bases mais flexíveis e abrir perspectivas de pronta renovação de nosso ensino superior” (RIBEIRO, 2012, p. 15).

Com relação à

terra tecnológica, a ciência e a técnica passaram a constituir para nós, também, ingredientes fundamentais dos processos produtivos, e seu domínio, um imperativo da autonomia nacional. [...] Se fracassarmos nesse desafio [...] ver-nos-emos novamente subordinados (RIBEIRO, 2012, p. 16).

Quanto ao questionamento de por que criar uma universidade em Brasília, esclarece que “construindo-se uma cidade no centro do País e nela instalando o governo da República, se tornou inevitável à instituição ali de um núcleo cultural a que não pode faltar uma universidade. [...] dotar o País de uma universidade moderna, estruturada nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores” (RIBEIRO, 2012, p. 18).

Aliam-se, pois, um imperativo e uma necessidade prática para recomendarem a criação, em Brasília, de uma universidade projetada nas mesmas bases dos centros de ensino e de pesquisa que estavam revolucionando o mundo moderno.

Nesses termos foi pensada a Universidade de Brasília, com as funções básicas de:

- Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira.
- Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica, atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnicas e profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estão a exigir.
- Contribuir para que Brasília exerça, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, pela criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão.
- Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como capital do país e torná-la, prontamente, capaz de imprimir um caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar.
- Garantir à nova capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil.
- Facilitar aos poderes públicos o assessoramento de que carecem em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade pode prover.

- Dar à população de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo (RIBEIRO, 2012, p. 20).

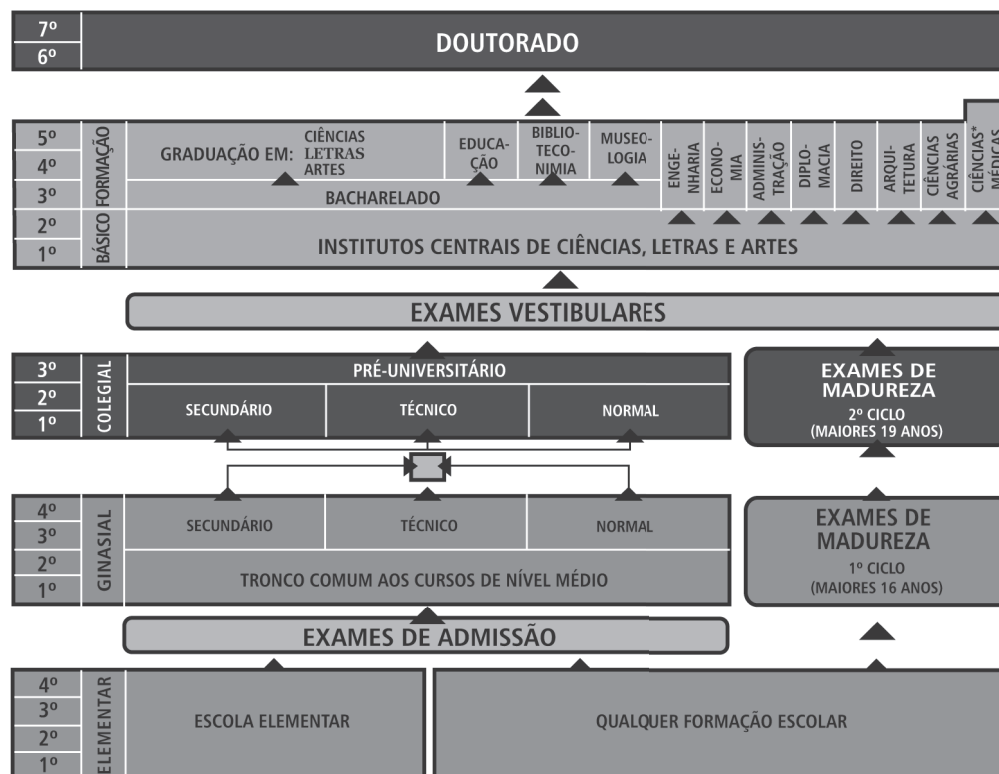
Estrutura da Universidade

Duas modalidades de órgãos integram a estrutura acadêmica da UnB: os Institutos Centrais e as Faculdades, complementados pelos Departamentos e Cursos.

Aos Institutos Centrais compete ministrar:

- Cursos introdutórios de duas séries para todos os alunos da Universidade, a fim de dar-lhes preparo intelectual e científico básico para seguir os cursos profissionais nas Faculdades;
- Cursos de bacharelado de três séries em qualquer disciplina departamental, para os alunos que desejam seguir a carreira do magistério;
- Cursos de formação científica de dois anos mais, após o bacharelado, para os alunos que revelam maior aptidão, para pesquisas e estudos originais;
- Programas de estudo pós-graduados, de dois anos, para os candidatos ao doutoramento (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 21).

FIGURA 1 – Escada educacional brasileira: vias de acesso à Universidade de Brasília



Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Serão, portanto, quatro níveis: o introdutório (duas séries), que pode estender-se até o bacharelado (três séries), o de formação especializada (cinco séries) e o de pós-graduação (sete séries) até o nível de doutoramento.

As Faculdades, bem como os cursos específicos dos Institutos ou das faculdades, receberão alunos preparados pelos cursos introdutórios dos Institutos Centrais para o treinamento especializado, tendo em vista o exercício de uma profissão.

A diplomação nas carreiras tradicionais far-se-á após cursos que, somados ao dos Institutos, perfaçam o mínimo de anos de estudo exigido pela legislação do ensino para cada tipo de formação superior.

Na Biblioteconomia o mesmo modelo inovador aconteceu. A Faculdade recebia os alunos dos Institutos Centrais que poderiam se formar como:

- Bibliotecário especializado na mesma área do curso “básico” do aluno;
- Bibliotecário convencional, habilitado para atuar nos demais tipos de biblioteca;
- Bibliotecário doutor.

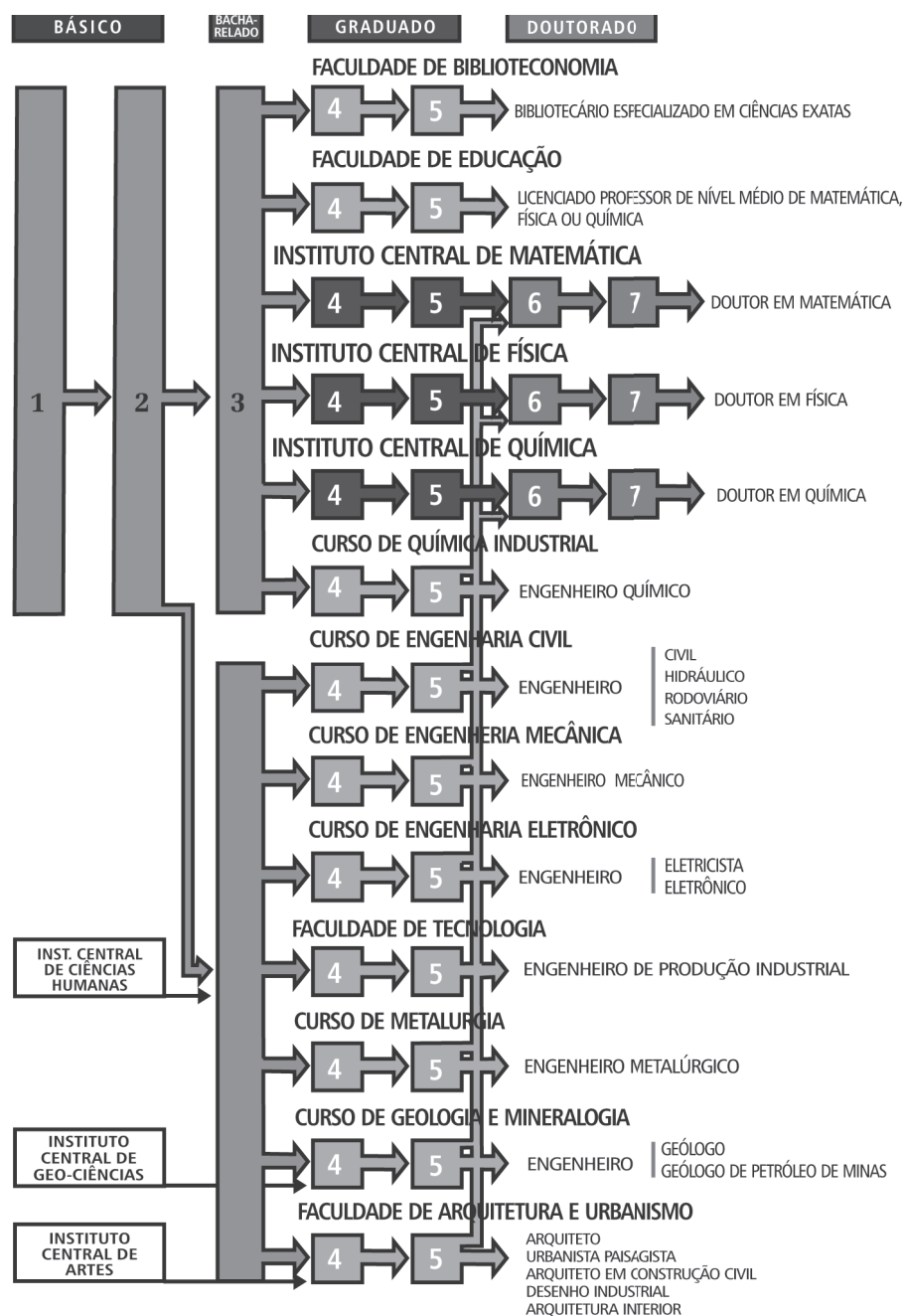
FIGURA 2 – Estrutura da Universidade: institutos, faculdades e órgãos complementares

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA							
INSTITUTOS CENTRAIS							
MATEMÁTICA	FÍSICA	QUÍMICA	GEO-CIÊNCIAS	BIOLOGIA	CIÊNCIAS HUMANAS	LETRAS	ARTES
CENTRO DE PESQUISA DE MATEMÁTICA APLICADA	CENTRO DE PESQUISA DE FÍSICA	CENTRO DE PESQUISA QUÍMICAS	CENTRO DE PESQUISAS DE RECURSOS NATURAIS	CENTRO DE PESQUISAS BIOLÓGICAS	CENTRO DE PESQUISAS SOCIAIS	CASAS NACIONAIS DA LÍNGUA E CULTURA	MUSEU DE ARTE
FACULDADES							
ARQUITETURA E URBANISMO	ENGENHARIA	EDUCAÇÃO		DIREITO-ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO DIPLOMACIA		CIÊNCIAS AGRÁRIAS	CIÊNCIAS MÉDICAS
CENTRO DE PLANEJAMENTO REGIONAL	CENTRO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS	CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO E MÉDIO	CENTRO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO EDUCACIONAL	CENTRO DE ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL	CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS	CENTRO DE ESTUDOS ADMINISTRATIVOS	CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO DA TECNOLOGIA DO CERRADO
HOSPITAL ESCOLA							
ÓRGÃOS COMPLEMENTARES							
BIBLIOTECA CENTRAL	RÁDIO UNIVERSIDADE	MUSEU DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA	MUSEU DA CIÊNCIA	EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	AULA MAGMA	HABITAÇÕES PRO-FES- SORES ESTU- DAN- TES FUN- CIONA- RIOS	ESTÁDIO
↓	↓					↓	↓
CURSO DE BIBLIOTE- CONOMIA	CURSO DE RÁDIO- DIFUSÃO	DIRETORIA CENTRAL DE ESTUDANTES	CLUBE DOS PROFESSORES	CENTRO DE ASSISTÊNCIA AO UNIVERSITÁRIO	SERVIÇO MILITAR	SERVIÇO INTERNACIONAL	CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Tomando-se como exemplo a Estrutura do Instituto Central de Matemática, Física e Química (FIGURA 3), é possível compreender as interfaces e relacionamentos funcionais do Plano Orientador:

FIGURA 3 – Estrutura do Instituto Central de Matemática, Física e Química



Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

O aluno, por sua vez, teria três opções profissionais:

- Bibliotecário especializado em Matemática pela Faculdade de Biblioteconomia;
- Professor de nível médio de Matemática pela Faculdade de Educação;
- Doutor em Matemática pelo Instituto Central de Matemática.
- No Plano Orientador, a Universidade contaria, inicialmente com oito Institutos Centrais: Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e Artes, que poderiam ser desdobrados ou acrescidos de outros. Cada um deles se dividiria em Departamentos. A estrutura de Institutos Centrais (IC) contaria com Departamentos, que

[...] seriam as unidades básicas da Universidade, onde se reuniriam os professores coletivamente responsáveis pelas atividades de ensino e de pesquisa, em cada especialidade (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 22).

Órgãos Complementares

Foi prevista a manutenção de um conjunto de órgãos culturais e recreativos como espaços de integração que, além das funções específicas, permitiriam a convivência e a troca de experiência, entre alunos de diferentes carreiras:

- A Aula Magna (grande e especial auditório);
- A Biblioteca Central (BCE), que “coordenará uma unidade principal com obras gerais e de referência, serviços de documentação e intercâmbio científico e cultural, e 16 bibliotecas especializadas, sediadas nos Institutos Centrais e nos conjuntos de faculdades afins. O acervo básico dessas bibliotecas deverá montar a hum milhão de obras, representando um dos principais investimentos da Fundação e aquele para cuja constituição mais se necessitará apelar para a ajuda de instituições estrangeiras e internacionais” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 27). Na Biblioteca Central funcionará a Faculdade de Biblioteconomia, que receberá alunos bacharelados pelos Institutos Centrais e os especializará em Biblioteconomia e Documentação nos respectivos campos de especialidade, ou os encaminhará para o doutorado;
- A Rádio Universidade de Brasília;
- A Editora Universidade de Brasília;

- A Televisão Universitária de Brasília;
- *O Museum*;
- As Casas de Cultura;
- O Centro Educacional;
- O Centro Recreativo e Cultural;
- O Estádio Universitário.

Foram previstos serviços auxiliares, administrados pela Prefeitura Universitária, nas áreas de: Serviço Social; Planejamento Urbanístico e Arquitetônico; Obras – Edificações; Manutenção; Abastecimento; Conservação; Comunicação e Transportes; Habitações.

Organização Administrativa

A estrutura de fundação foi proposta para dar garantia de autonomia à organização e à direção de seus órgãos, como estabelece a Lei nº 3.998, que criou a Fundação Universidade de Brasília como mantenedora da Universidade.

Os órgãos de Direção e de Coordenação constituem a estrutura de administração e gestão da Universidade e, juntamente com os órgãos deliberativos, compõem a estrutura de decisão e de execução das atividades universitárias.

Cabe ao Conselho Diretor “eleger o presidente da Fundação, que terá o título de Reitor e um Vice-Reitor, com funções executivas no que diz respeito à vida escolar e às atividades de ensino e de pesquisa” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 31).

O corpo docente “terá plena autonomia didática, técnica e científica. Para exercê-la, os professores titulares, adjuntos e assistentes reunir-se-ão em Conselhos Departamentais, nas Congregações de Carreiras e em Assembléia Universitária, como órgão deliberativo supremo da Universidade” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 31).

Outros Aspectos da Gestão da Universidade

Essa proposta trouxe, também, as definições e os padrões que deveriam ser seguidos na sua execução, com relação a:

- *Lotação da universidade* – detalhamento de como deve ser feito o cálculo da lotação, tendo em vista o número de matrículas que assegure o baixo custo aluno-ano e permita proporcionar uma formação de alto nível (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 34).
- *Professores e alunos* – verificação da proporcionalidade professor/aluno no ensino superior, em cada ramo de ensino, adotando ou não o regime de dedicação exclusiva, atuando na tarefa de selecionar e aperfeiçoar um grande número de professores, “em um país carente de pessoal qualificado como o nosso” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 41).
- *Programa de obras* – estabelecimento de um programa com etapas progressivas, e bem marcadas, tendo em vista especificidades das numerosas edificações a serem construídas.
- *Programa financeiro* – apresenta a constituição do orçamento, prevendo o custo das edificações, equipamentos didáticos para a biblioteca e laboratórios, financiamento do programa de aperfeiçoamento do pessoal docente no Brasil e no exterior, urbanização, despesas com os serviços públicos, transporte e comunicação, e outras. São indicadas parcerias com vários órgãos nacionais e internacionais, bancos, agências de fomento, empresas e outros, tanto para o compartilhamento das atividades como para o financiamento e doações (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

Criação e Implantação da Universidade

Após a discussão dessa proposta, em 1961, junto à comunidade acadêmica, um projeto de lei foi elaborado e enviado ao Congresso Nacional pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Esse projeto foi transformado na Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o poder executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB), como uma fundação pública.

No seu Art. 3º estabelece como objetivo criar e manter a UnB como instituição de ensino superior, de pesquisa e extensão em todos os ramos do saber.

No Art. 4º estabelece o Patrimônio da FUB, composto de recursos financeiros de diversas fontes e de bens patrimoniais, constituído de várias



Reunião do Conselho Diretor (1962). A partir da esquerda: 1º João Moojem de Oliveira, 2º Frei Mateus Rocha, 3º Hermes Lima, 4º Abgar Renault, 5º Osvaldo Trigueiro, 6º Alcides da Rocha Miranda, 7º Anísio Teixeira, 8º Darcy Ribeiro.



Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer - Visita Aula Magna (1985). Autor da foto: Renato Costa.

Inauguração da UnB
(21/04/1962).



Reunião de reitores
(1962). A partir da
esquerda: 3º Darcy
Ribeiro (de pé,
discursando), 5º
Anísio Teixeira.



áreas no Plano Piloto para construção do *Campus* e terrenos de 12 superquadras urbanas na Asa Norte, e, na Vargem Bonita, para a instalação da Faculdade de Ciências Agrárias e do Centro de Pesquisa e Experimentação da Tecnologia do Cerrado.

A Lei n.º 3.998/1961 foi homologada pelo Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962, que aprova o Estatuto da FUB e a constitui como entidade não-governamental, administrativa e financeiramente autônoma.

Para dar início ao seu funcionamento, um plano de implantação foi executado de imediato: instituída em 15 de dezembro de 1961, em 30 dias completou-se a estrutura jurídica – (15 de janeiro de 1962); em 40 dias organizaram-se os cinco cursos e realizaram-se os exames vestibulares para mais de 1.000 candidatos; em 49 dias construiu-se o Bloco 1, e em 32 dias, o Bloco 2. As aulas iniciaram-se com 500 alunos. Portanto, em menos de 90 dias após a estruturação jurídica da UnB, foram criadas as condições indispensáveis para o início de suas atividades.

Em 21 de abril de 1962 foi inaugurada oficialmente a UnB, sendo nomeado como primeiro Reitor o professor Darcy Ribeiro, juntamente com o Conselho Diretor da FUB, composto por Membros Efetivos e Suplentes, Coordenadores dos Institutos, da Editora e dos Cursos que iniciaram seu funcionamento em 1962:

Conselho Diretor da FUB

• **Membros efetivos**

Darcy Ribeiro
Anísio Teixeira
Hermes Lima
Abgar Renault
Oswaldo Trigueiro
Frei Mateus Rocha, O.P.

• **Membros Suplentes**

Alcides da Rocha Miranda
João Moojen de Oliveira

- **Coordenadores**

Leopoldo Nachbin – Instituto Central de Matemática

José Leite Lopes – Instituto Central de Física

Jacques Danon – Instituto Central de Química

Maurício Rocha e Silva – Instituto Central de Biologia

Eduardo Galvão – Instituto Central de Ciências Humanas

Cyro Versiani dos Anjos – Instituto Central de Letras

Alcides da Rocha Miranda – Instituto Central de Artes

Artur Neves – Editora Universidade de Brasília

- **Coordenadores dos Cursos de 1962**

Victor Nunes Leal – Direito, Administração, Economia

Lúcio Costa e Oscar Niemeyer – Arquitetura e Urbanismo

Cyro Versiani dos Anjos – Letras Brasileiras.

As aulas eram dadas por professores e instrutores, que também estudavam e preparavam suas dissertações de mestrado.

Darcy Ribeiro implantou a UnB, buscando recursos e garantindo verbas e apoio de vários setores do governo e da sociedade civil até 19 de junho de 1962, quando se tornou Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Nessa mesma data, Anísio Spínola Teixeira, que foi um dos pensadores e fundadores da UnB, tomou posse como o segundo Reitor.

Plano Orientador da Universidade de Brasília

A proposta inicial, anteriormente detalhada, tornou-se a base do projeto definitivo, apresentado em 1962 no documento *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, que estabelece as características, normas e padrões a serem seguidos na criação e implantação da UnB.

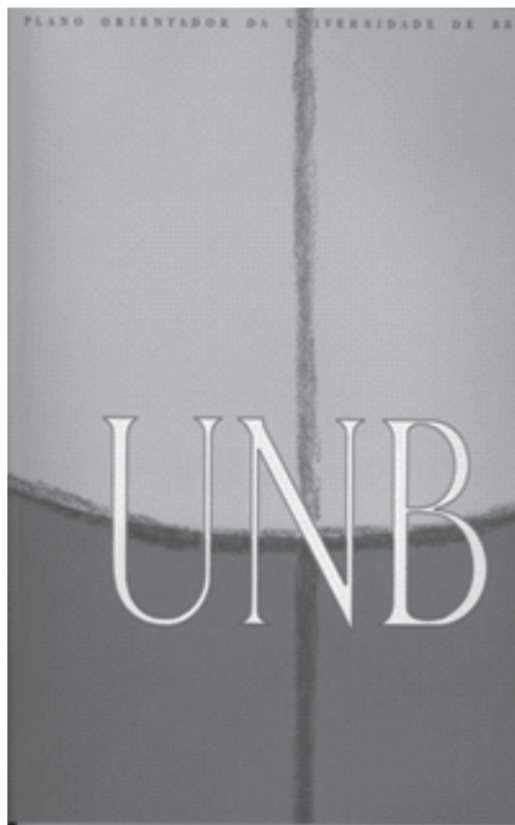
O *Plano Orientador* foi elaborado pelo Conselho Diretor da FUB, do qual eram membros efetivos Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, tornando-se a base do processo de institucionalização, implantação e operacionalização da UnB. Esse documento foi o primeiro lançamento da Editora da UnB, em 1962, e contém:

- Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961.
- Patrimônio da FUB do ponto de vista dos recursos financeiros e dos

bens patrimoniais.

- Diagnóstico do ensino superior no Brasil.
- Universidade e desenvolvimento.
- Por que criar uma Universidade em Brasília?
- Estrutura da Universidade de Brasília.
- Institutos – Faculdades: vantagens do sistema duplo e integrado.
- Órgãos complementares.
- Governo e administração da Universidade.
- Estimativa de matrículas.
- Professores e alunos.
- Plano de Obras.
- Programa Financeiro.
- Programa de Cursos para 1962.
- Inauguração Oficial do *campus* da Universidade de Brasília.

FIGURA 4 – Capa do *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, publicado em 1962



A UnB exerceu um papel singular na educação brasileira, com várias iniciativas inovadoras colocadas em ação, ressaltando-se:

- Ensino por disciplinas semestrais (fim do ensino seriado, de turmas anuais);
- Sistema de ensino, duplo e integrado, onde os Institutos Centrais promovem a formação básica e as Faculdades responsabilizam-se pela formação profissional (bacharel, mestre, doutor);
- Matrículas individualizadas, liberdade de programar o tempo e a opção profissional;
- Mudança de opção permitida;
- Novas modalidades de formação, de acordo com o mercado de trabalho;
- Distinção entre atividades de preparação científica e as de treinamento profissional;
- Ingresso por vestibular, onde o aluno segue um curso básico no Instituto Central da área de sua opção e conclui seu curso profissional nesse Instituto ou numa Faculdade;
- Integração da Universidade com os setores produtivos (público ou privado) que poderão empregar os técnicos ali formados.

Faculdade de Biblioteconomia

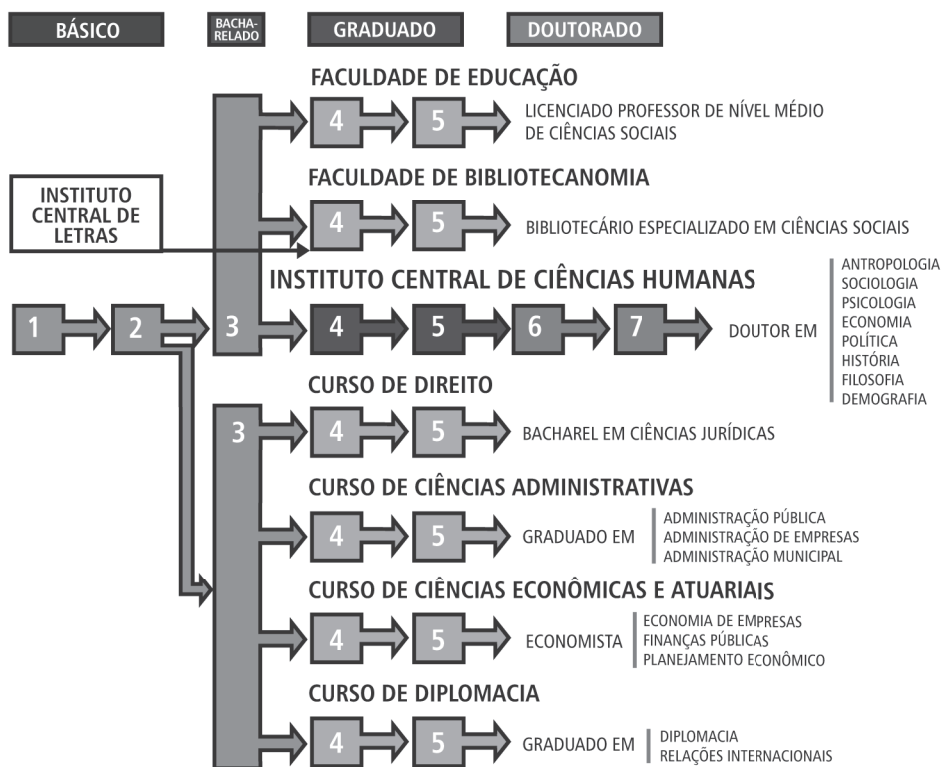
No Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962 foi estabelecido o funcionamento integrado de oito Institutos Centrais (Física, Matemática, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras, Artes) e de sete Faculdades (Arquitetura e Urbanismo, Biblioteconomia, Ciências Agrárias, Ciências Médicas, Ciências Políticas e Sociais, Educação, Tecnologia).

A Faculdade de Biblioteconomia fez parte desse momento de criação, juntamente com a Faculdade de Educação, como unidades relacionadas a todos os Institutos, com atuação no 4º e 5º anos. Como exemplo, pode-se observar, na Figura 5, as relações que existiam com o Instituto Central de Ciências Humanas:

[...] abrangendo a vasta área das Ciências Sociais, da História e da Filosofia, [este instituto] deverá ministrar os cursos introdutórios para as carreiras de Direito, Administração, Economia e Diplomacia. A ele caberá, também, conceder

o bacharelado indispensável ao ingresso na Faculdade de Educação para a licenciatura dos professores de nível médio, especializados em Ciências Sociais e na Faculdade de Biblioteconomia, para a formação de bibliotecários devotados ao mesmo campo. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

FIGURA 5 – Estrutura do Instituto Central de Ciências Humanas



Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Como começou a Biblioteconomia?

Em agosto de 1962, então Ministro da Educação do governo João Goulart, Darcy Ribeiro juntamente com o professor Eron de Alencar convidaram o bibliotecário professor Edson Nery da Fonseca para dar orientação aos instrutores na elaboração de suas dissertações. Assim, ele foi contratado, em 3 de agosto de 1962, como professor associado, que era a maior categoria naquela época, para dar aula de Organização do Trabalho Intelectual (OTI), Metodologia Científica e Bibliografia para os alunos dos cursos que foram oferecidos por três semestres (2/1962, 1/1963 e 2/1963) no turno matutino. Edson era bibliotecário concursado da Câmara dos Deputados, onde trabalhava no turno vespertino, e

segundo seu depoimento, “esta universidade me empolgou de tal forma que só pensaria em aposentar-me da Câmara, para dar-lhe dedicação exclusiva”.

Num contexto favorável, durante o ano de 1962, ocorreram outros fatos da maior relevância para a Biblioteconomia:

- Regulamentação da profissão de bibliotecário;
- Aprovação do Currículo Mínimo Nacional específico para a Biblioteconomia;
- Criação da Faculdade de Biblioteconomia na UnB.

No começo de 1963, os professores e instrutores da UnB sentiram necessidade de uma biblioteca capaz de atendê-los. Foi solicitado ao professor Edson que, desta vez, iniciasse a estruturação da BCE, prevista no *Plano Orientador*. Havia uma coleção constituída por doações do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e de outros órgãos governamentais, organizada na Sala dos Papiros pela bibliotecária Doris de Carvalho. Com grande esforço, pois a carência de espaço era muito grande, foi conseguido um prédio denominado SG 12. Para auxiliá-lo nessa tarefa inicial, o professor Edson convida a bibliotecária Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti. O seu ingresso na UnB é pelo curso-tronco de Letras Brasileiras, para colaborar na implantação da Biblioteca Central da universidade, como assistente do Coordenador. Com isso resolvido, o passo seguinte era conseguir um diretor para a Biblioteca Central.

Diante de tal desafio, o professor Edson convidou Abner Lellis Corrêa Vicentini, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, no Estado de São Paulo, para ocupar esse cargo, tendo sido requisitado ao Ministério da Aeronáutica pelo Gabinete Civil da Presidência da República, chefiado por Darcy Ribeiro. Foi admitido em 1º de fevereiro de 1964, como professor associado para coordenar a BCE e o Sistema de Bibliotecas da UnB, bem como para ministrar a disciplina Documentação e coordenar os seminários de atualização na pós-graduação.

Abner Vicentini começou a pensar num grupo de profissionais para trabalhar com ele na tarefa de organizar a BCE, que já contava com um acervo de mais de 100 mil livros, ainda sem catálogo. Ele convidou a bibliotecária Nice Menezes de Figueiredo, que com ele trabalhou por dois anos (1964-1965). Dentre suas atividades, instalou várias seções da BCE, como as de Circulação, Referência, Periódicos e Documentação Científica.

Com a chegada do professor Vicentini, o professor Edson voltou às atividades docentes e, nesse mesmo ano de 1964, começou a organizar o Curso



Professor Edson
Nery da Fonseca.



Professor Abner Lellis
Corrêa Vicentini.

Biblioteca Central
na SG-12 com a
Biblioteca Volante ao
fundo (1963).



Biblioteca Central
na SG-12 - Vicentini
(Diretor) e sua equipe
de trabalho.



de Biblioteconomia, iniciando pela pós-graduação. Para esse novo desafio, o professor Edson convidou duas professoras. Etelvina Lima veio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e foi admitida em 1º de março de 1964 como professora assistente e, também, para trabalhar na coordenação da BCE. No dia 22 de maio de 1964, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi admitida inicialmente como professora assistente e, em seguida, como professora colaboradora em tempo parcial, pois, nesse mesmo ano, tomou posse na Biblioteca da Câmara dos Deputados. Ela atuou como professora e como bibliotecária, tendo sido assistente do Diretor, na implantação da BCE.

A pós-graduação em Biblioteconomia

O mais singular e inovador na Biblioteconomia da UnB foi a proposta de seus idealizadores: começar com um curso de pós-graduação *lato sensu* em Bibliografia Brasileira, orientado pelo professor Rubens Borba de Moraes, com um reduzido número de alunos.

Esse curso, dirigido por Edson Nery da Fonseca, foi oferecido em 1964 e 1965, contando com a participação dos professores contratados pela UnB e a colaboração de bibliotecários competentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, que se integraram ao grupo para apoiar a implantação da BCE e para lecionar disciplinas nesse curso, a exemplo de Pérola Cardoso Raulino, Juracy Feitosa Rocha e Nilcéa Amábilia Rossi Gonçalves.

O curso, seguindo o Currículo mínimo aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 1962, deu início às suas atividades em 1964. Conforme o ofício da Biblioteca Central (OF/BC nº 63/1963) do professor Edson Nery da Fonseca, ao Coordenador do Curso Tronco de Letras Brasileiras, Dr. Cyro Versiani dos Anjos, o Curso de Biblioteconomia contou com disciplinas ministradas pelos seguintes professores (FERIGATO, 2006):

- Catalogação I – Nilcéa Amábilia Rossi Gonçalves;
- Classificação I – Cordélia Robalinho Cavalcanti;
- Organização e Administração de Bibliotecas – Etelvina Lima;
- Bibliografia I – Pérola Cardoso Raulino;
- Bibliografia II – Edson Nery da Fonseca;

- Seminário: Classificação, Catalogação Sistemática e Indexação em Cadeia – Abner Lellis Corrêa Vicentini.

Três alunas da pós-graduação, que aqui chegaram em 24 de março de 1964, compunham a turma inicial:

- Fernanda Leite Ribeiro, da diretoria do IBBD;
- Gilda Maria Whitaker Verri, da Biblioteca da UFPE;
- Zila Mamede, da Biblioteca da UFRN.

A graduação em Biblioteconomia

Em 1964, a Faculdade de Biblioteconomia recebeu Maria Lúcia Dália Campelo, aluna transferida da UFPE.

Em 1965, realizou-se o primeiro vestibular para o curso de graduação em Biblioteconomia e 13 alunos foram aprovados:

- Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo;
- Aníbal Rodrigues Coelho;
- Edna Gondim de Freitas;
- Eladir de Faria (formada em 2/1968)
- Hérís Medeiros Joffily;
- Lindáurea Daud;
- Maria Alice Guimarães Borges;
- Maria Luzia da Costa e Silva (formada em 1/1971);
- Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras;
- Nelma Cavalcanti Bonifácio;
- Neusa Dourado Freire;
- Suelena Costa Braga Coelho;
- Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos.

O grupo de professores foi reforçado com a vinda de:

- Padre Astério Tavares Campos – admitido em 13 de julho de 1965 como professor associado e, depois, adjunto, em regime de dedicação exclusiva, para lecionar Organização do Trabalho Intelectual, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Bibliografia de Ciências Humanas e Classificação Decimal Universal.

- Helena Maria da Costa Azevedo (Irmã Maria de São José, O.P.) – admitida em 18 de junho de 1965, como professora colaboradora em tempo parcial e Chefe do Serviço de Referência da BCE.
- Myriam de Mello Dulac – admitida em 1965, como professora em tempo parcial para lecionar Catalogação II.

Após o golpe militar de 1964, a UnB passou por uma crise política e institucional, tendo como consequência, na Faculdade de Biblioteconomia, a perda de professores e o cancelamento do curso de pós-graduação, causando a saída desses alunos, permanecendo somente o curso de graduação.

Em 1966, foram contratados os professores:

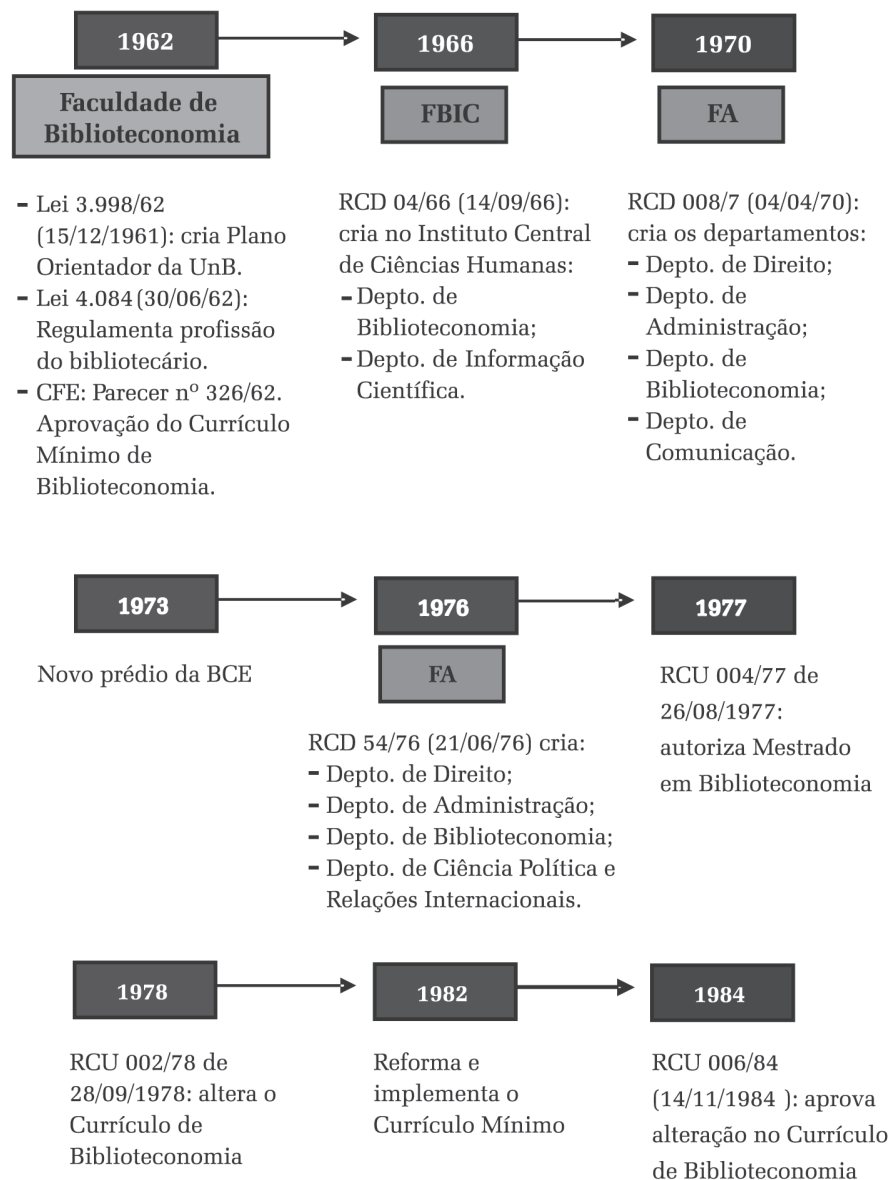
- Washington José de Almeida Moura – admitido em 1º de março de 1966, como professor colaborador em regime de tempo parcial para ministrar a disciplina Reprografia;
- Leda Câmara Laboriau – admitida em 17 de março de 1966 como professora adjunta em tempo parcial;
- Fernanda Leite Ribeiro Gallo – admitida em 21 de agosto de 1966, como professora colaboradora em tempo integral para lecionar a disciplina Documentação.

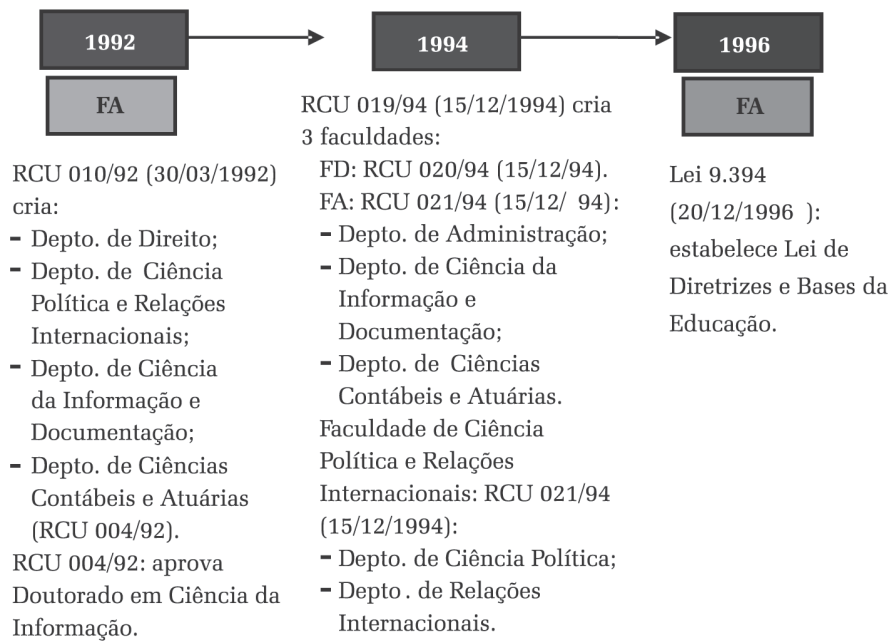
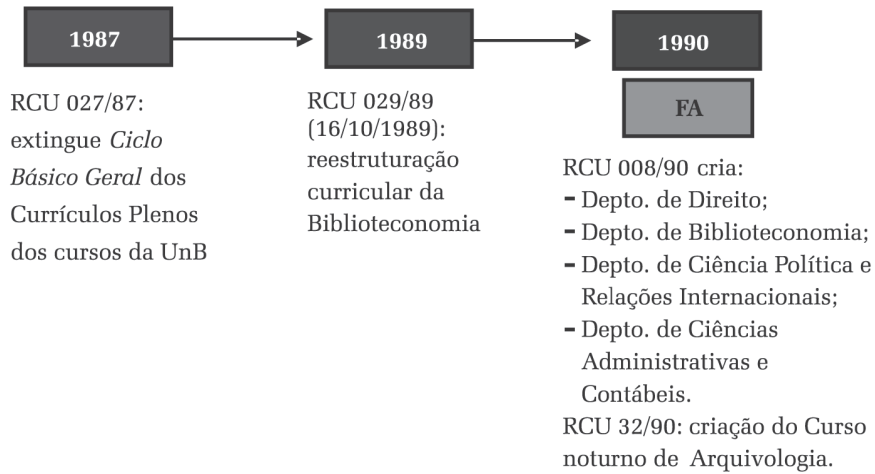
Em 1967, a professora Nice Menezes de Figueiredo voltou à UnB, cedida pela Unesp como professora colaboradora, e outros três professores foram contratados:

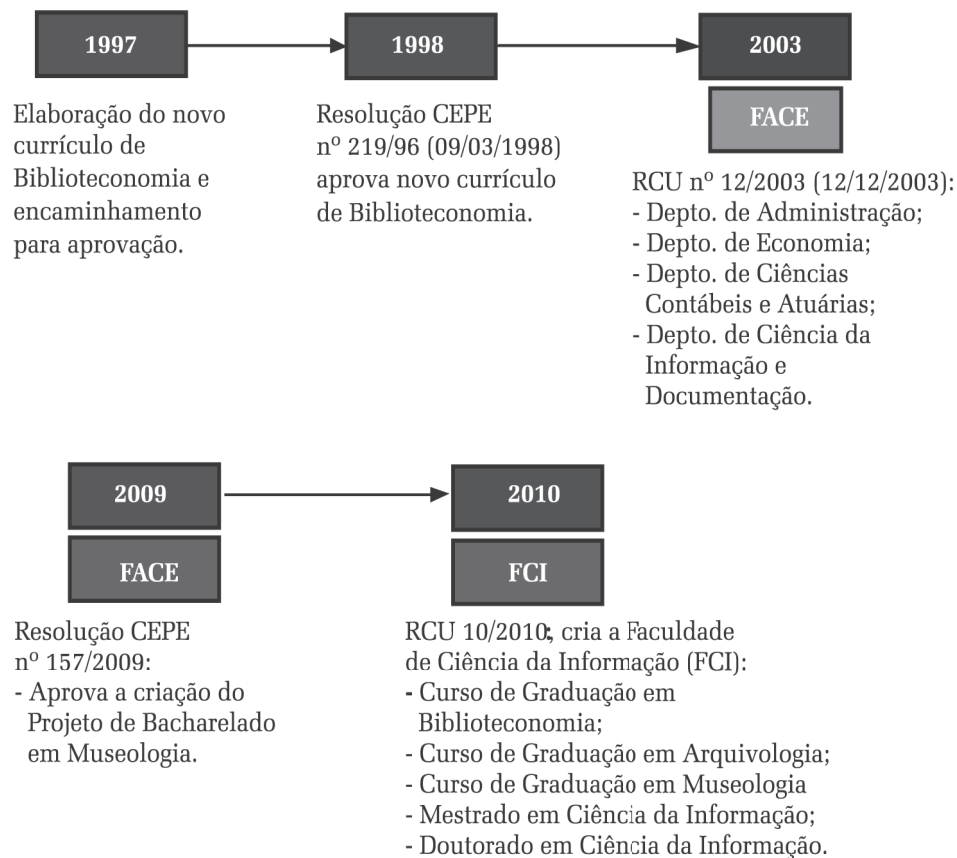
- Rubens Borba de Moraes – admitido em 1º de março de 1967, como professor colaborador em tempo integral para lecionar as disciplinas: Referência, História do Livro, Organização e Administração de Bibliotecas.
- Neusa Dias de Macedo – admitida em 26 de maio de 1967, como chefe do Serviço de Referência da BCE e, depois, como professora colaboradora em tempo integral.
- Elsy Guimarães Ferreira Pereira – admitida em 18 de junho de 1967, como professora colaboradora em regime de tempo integral.

Em abril de 1968, Antônio Agenor Briquet de Lemos, convidado pelo professor Edson Nery da Fonseca, foi admitido como professor colaborador e “secretário executivo” da Faculdade, o que significava ser o seu vice-diretor.

Linha do tempo da Biblioteconomia na UnB







Em 1º de abril de 1969, Pérola Cardoso Raulino, bibliotecária do Senado Federal, foi admitida como professora colaboradora.

Nestes 50 anos, a Biblioteconomia da UnB passou por quatro macroperíodos, com vários nomes e *status*. Segundo Vieira (2002), os três primeiros foram:

- 1962 a 1966 – criação e implantação da Faculdade de Biblioteconomia;
- 1966 a 1970 – Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica (FBIC), criada em 14 de setembro de 1966, pela Resolução do Conselho Diretor da FUB (RCD 04/66), no Instituto Central de Ciências Humanas (VIEIRA, 2002);
- 1970 a 2010 – Departamento de Biblioteconomia como parte da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (FA). Em 1992, sua denominação mudou para Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) (VIEIRA, 2002);

- Em 1994, o CID é incluído na recém criada Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação (FACE);
- 2010 até a presente data – O Curso de Graduação em Biblioteconomia passou a fazer parte da Faculdade de Ciência da Informação, juntamente com a Arquivologia e a Museologia, e com a pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação.

Não se pode deixar de registrar o papel agregador e solidário da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), criada em 18 de setembro de 1962, a partir do esforço de um grupo de bibliotecários liderados por Adélia Leite Coelho e Myriam de Mello Dulac (Presidente e 1ª Secretária), como uma instituição de defesa e agregação do profissional bibliotecário.

Deve ser destacado, também, o importante papel do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-1), presidido pela bibliotecária Nídia Caldas, quando da conclusão da primeira turma de bibliotecários formados na UnB.

Em 1967, a Biblioteconomia formou sua primeira turma com 11 bibliotecários. As turmas atuais são de 40 alunos por semestre, tendo formado mais de dois mil alunos/bibliotecários até o presente.

Embora a profissão tenha 50 anos de regulamentação, os desafios continuam. Um deles é fazer com que a sociedade entenda o papel da biblioteca e a sua capacidade enquanto espaço de ação pedagógica, propiciando aos seus usuários um ambiente de informação, a partir de um processo de letramento informacional, visando o desenvolvimento da capacidade crítica dos cidadãos, exigência primeira da democracia.

Os profissionais da Biblioteconomia, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação, têm o compromisso de levar a informação e o conhecimento a toda população, atendendo às demandas dos usuários, onde quer que eles estejam, propiciando-lhes condições para o exercício da cidadania.

A universidade – reconhecida como o centro vital para a formação de competência, de pesquisa pura e aplicada, de extensão comunitária –, é uma instituição produtora, detentora e disseminadora do conhecimento, e um dos atores mais importantes do processo de desenvolvimento dos países.

São muitas as dificuldades e dilemas vivenciados nos complexos embates acadêmicos, na convivência das diversas correntes que compõem o setor, nas diferentes formas de resolver os problemas emergentes, na aceitação do contraditório, nas várias expressões e na pluralidade de pensamentos,

metodologias, ideologias políticas e partidárias, no entendimento de situações próximas e do cotidiano, enfim, na baixa capacidade de enfrentamento das contradições que permeiam e se refletem, fortemente, na vida acadêmica.

Existem várias tendências quanto a temas polêmicos, como: a parceria da universidade com o setor produtivo; a polarização do que é público e privado; a participação no processo de criação ou na elaboração de produtos e execução de serviços; o recebimento ou não de *royalties*; a propriedade intelectual e os direitos autorais na Universidade; o conhecimento adquirido e acumulado; a capacidade de atender mais e melhor aos jovens, e outros.

Esse é o desafio: aceitar a pluralidade e ser capaz da discussão e da busca do que é melhor para a realidade do nosso país.

MARIA ALICE GUIMARÃES BORGES. Doutora em Ciência da Informação (2006), Mestre em Ciência da Informação (1981) e bacharel em Biblioteconomia (1967) pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento de Sistemas de Informação e em Gestão de Unidade de Informação. Exerce suas atividades acadêmicas de ensino e pesquisa na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília, desde 1983. Iniciou suas atividades em 1963 como professora e Bibliotecária do Governo do Distrito Federal onde Coordenou a proposta de criação do Sistema de Bibliotecas Públicas para o Distrito Federal. Implantou a Biblioteca Pública da EQS 108/109 e a Infantil da EQS 103/104. Participou da Elaboração e Execução dos Sistemas Nacionais de Informação nos Ministérios do Interior (1973/75); da Agricultura/EMBRATER (1977/81) e do Trabalho/Qualificação Profissional (1981/83). Representou o Brasil em reuniões Internacionais: CINTERFOR/OIT; FID (Índia) e Missão da UNESCO em Moçambique na área da Ciência da Informação. Exerceu vários cargos públicos, tendo sido Diretora Adjunta do IBICT e Secretária de Estado do Governo do Distrito Federal. A partir de 2011 é Conselheira do Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8943644865938393>

Referências

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. *Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino*. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Orientação: Sofia Galvão Baptista.

BORGES, Maria Alice Guimarães. *A tríplice hélice e o desenvolvimento do setor de Tecnologia da Informação do Distrito Federal*. 2006. 294 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientação: Murilo Bastos da Cunha.

FERIGATO, Fabíola Marques. *Os pioneiros do ensino de Biblioteconomia na Universidade de Brasília*. Brasília: UnB/CID, 2006. 66 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientação: Tarcisio Zandonade.

RIBEIRO, Darcy (Org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998 de dezembro de 1961*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 158 p. 1ª reimpressão ed. especial. Edição especial comemorativa Editora Universidade de Brasília 50 anos.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da UnB, 1962. Não paginado.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *UnB: visão estratégica: II documento de trabalho*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

VIEIRA, Fernando Modesto. *História do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília: 1962 a 2002*. Brasília: UnB/CID, 2002. 65 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. Orientação: Odilon Pereira da Silva.



Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª
Região (CRB-1). Ao centro, Nidia Caldas,
Presidente do CRB-1 em 1967.